

A ORIGEM BRANCA DA DEVOÇÃO NEGRA DO ROSÁRIO

Paulo Henrique Silva Pacheco¹

Resumo: O artigo consiste no diálogo entre vários autores que investiram seus estudos no processo histórico da difusão do culto a Nossa Senhora do Rosário, dentre eles: Julita Scarano, Caio César Boschi, Mariza de Carvalho Soares, Antonia Aparecida Quintão e Juliana Beatriz Almeida de Souza. É uma explanação referendada nas origens das primeiras associações religiosas leigas, constituídas na Europa a partir do século XIII, difundindo-se entre os negros três séculos após a sua criação, levando seus devotos brancos a abandonarem quase que completamente esse culto. Essa devoção chegou ao Brasil pelos jesuítas e possivelmente com alguns confrades saídos de Portugal, estruturando-se como uma invocação negra, viva no catolicismo barroco brasileiro.

Palavras-chave: Confrarias religiosas (Irmandade do Rosário); História do Brasil; Negros; Religião.

As associações religiosas constituíram-se a partir do século XIII como verdadeiros grupos que, além de promoverem cultos ao santo de devoção, prestavam assistência material a seus associados. Formadas, sobretudo, por leigos a preocupação principal dessas agremiações era a “propagação da doutrina” e a “filantropia social”², ou seja, a caridade. A autora Marina de Mello e Souza, além de afirmar que “essas associações eram meios do grupo instituir formas de solidariedade, principalmente frente à morte e à doença”, as considera como uma forma de integração e aceitação na sociedade³. Mariza de Carvalho Soares examina a formação desses grupos religiosos como uma forma de reação contra a exclusão que estavam submetidos no espaço urbano, considerando que

os indivíduos procedentes de determinada localidade passam a construir não apenas grupos, no sentido demográfico, mas grupos sociais compostos por integrantes que se reconhecem enquanto tais e interagem em várias esferas da vida urbana, criando formas de sociabilidade que – com base numa procedência comum – lhes possibilitam compartilhar diversas modalidades de organização, entre elas as irmandades⁴.

¹ Mestrando em História pela UERJ e graduado pela Universidade Gama Filho.

² RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos. A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1755*, Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1981. p.154.

³ SOUZA, Marina de Mello. *Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*, p.163.

⁴ SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosa e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*, p. 113.

Para um maior esclarecimento sobre as razões que levaram a formação de associações religiosas leigas, Caio César Boschi formulou uma hipótese baseando-se na necessidade da população medievalista. Segundo o autor a falta de segurança que cercava a vida desses homens foi o que propiciou a constituição de grupos, que unidos pelas suas agruras vividas encontraram na figura dos santos um conforto para os seus dissabores.

A Baixa Idade Média presenciou o desabrochar dessas comunidades fraternais. Nascidas sob a inspiração e a égide do poder espiritual, logo se pautaram por um sentido nitidamente laico. Assumiram, assim, papel suplementar ao da Igreja com finalidades bastante dinâmicas acompanhando o processo histórico⁵.

O propósito espiritual e o auxílio mútuo faziam desses grupos um verdadeiro centro de vida social, influenciado pelas Santas Casas de Misericórdia, que serviam de modelo a essas agremiações, promovendo o benefício material dos seus membros e também representando uma associação restritiva que tentou desenvolver a vida religiosa dos seus associados, cuidando de doentes desassistidos, de defuntos carentes, de recursos, de presos e de condenados.

A religiosidade que se construiu no interior dessas irmandades era definida por um grupo minoritário de devotos que constituíram um corpo dirigente, conhecido como Mesa Administrativa. Cabia a esses membros, escolhidos por uma eleição anual, gerir todos os negócios e decidir sobre todas as questões pertencentes à devoção, incluindo as festas dedicadas ao santo, as procissões e os cortejos fúnebres, momentos em que as irmandades faziam-se presentes diante da sociedade.

Para uma abordagem mais completa sobre o assunto deve-se ressaltar a particularidade religiosa de cada grupo, apesar da similaridade funcional o universo físico estruturado em torno do drama da alma do homem medieval e do santo escolhido para aliviar as suas mazelas resultaram em distinções quanto aos símbolos e aos meios de se relacionarem com o sagrado.

1 A construção simbólica do sagrado

Para compreender o processo que fez do rosário um instrumento sagrado é preciso ressaltar a mentalidade religiosa do homem medieval, apresentando o

universo no qual esses devotos estavam inseridos. A Idade Média foi uma época que favoreceu a permanência de símbolos, de modo que o sagrado fosse dessa forma representado e sentido no universo material.

Nada acontecia que não o fosse pelo poder do sagrado, e todos sabiam que as coisas do tempo estão iluminadas pelo esplendor e pelo terror da eternidade. (...) Anjos descem a terra ligados ao mundo, enquanto Deus preside a todas as coisas do topo de sua altura sublime. E havia possessões, milagres, encontros com o diabo e as coisas boas aconteciam porque Deus protegia aqueles que o temiam, e as desgraças e pestes eram por Ele enviadas como castigos para o pecado e a descrença⁶.

Hábitos e crenças que surgiram no período medieval ainda hoje conseguem se manter ativos na religiosidade popular, como o uso do rosário. Uma explicação puramente religiosa foi encontrada pela autora de obras litúrgicas Tarcila Tommasi para justificar a origem desse objeto. Em seu artigo Tommasi, através de uma tradição católica, escreve que nos antigos mosteiros católicos havia o costume de rezar os 150 salmos bíblicos em diferentes horas do dia, porém alguns monges, por serem analfabetos, substituíram tais salmos por 150 ave-marias, dividindo-as em três grupos de cinquenta. Contavam as ave-marias por meio de nós feitos em cordões como uma “coroa de rosas” oferecidas à Nossa Senhora. No século XIII, a Igreja passou por momentos difíceis, especialmente na luta contra as heresias. São Domingos, da ordem dos pregadores, sofreu muito para conciliar o ataque aos heréticos com o cristianismo. Nessa ocasião, Nossa Senhora lhe apareceu na Igreja de Notre Dame de la Dreche, para consolá-lo dessa tristeza, dando-lhe a oração do rosário como antídoto que o povo deveria usar contra a heresia⁷.

O rosário, então atribuído à Maria, mãe de Jesus, estava relacionado as flores, não apenas pela aparência do objeto mais pelo símbolo de beleza e pelas propriedades curativas que a rosa proporcionava, fazendo então uma relação com a palavra do latim medieval *rosarium*, que significa jardim de rosas⁸.

Pautada no conhecimento científico, outra hipótese pode ser considerada, Marina Warner, em seu estudo intitulado *Tú Sola entre lãs mujeres. El Mito y culto de la Virgen Maria*, afirma que não se pode identificar o local exato da introdução do rosário na cristandade ocidental, apesar de considerar que o seu início se deu no oriente, na Índia brahmânica, estendendo-se para o budismo e ao islã,

⁵ BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder (Irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais)*, pp. 12-13.

⁶ ALVES, Rubem, *O que é religião?*, São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.41.

⁷ TOMMASI, Tarcila, *O rosário – Oração de amor e fé*, 2002, p.2.

⁸ CORAZZA, Helena. *Rosário em Família: com Maria contemplando o rosto*, São Paulo, 2005, 6ª edição, p.33.

assemelhando-se com o colar de contas que os homens da Grécia, Ásia e do Norte da África, usavam como um calmante para os nervos, adquirindo um caráter totalmente laico. Ao contrário de ocidente, que se converteu em um hábito exclusivamente religioso.

Não cabe aqui formular uma terceira hipótese explicativa para a origem do rosário, mas identificar os elementos que legitimaram o caráter sagrado desse objeto junto ao processo histórico no qual esteve inserido. Tanto na tradição remontada por Tarcila Tommasi quanto a hipótese de Marina Warner são apontados certos aspectos que devem ser considerados, como a crise que a Igreja começou a passar a partir do século XII. Nesse momento alguns movimentos criticavam a estrutura hierárquica da Igreja, rebatendo os seus fundamentos, foi o caso dos albigenses, grupo considerado herege que habitou o sul da França, Albi. O papa Inocêncio III decretou uma cruzada contra os inimigos da cristandade, sendo nomeado chefe da mesma Simão de Monfort, amigo de Domingos de Gusmão, que desenvolveu uma intensa atividade para combater as heresias e reconverter a região. Enquanto a cruzada enfrentava o exército albigense Domingos lançava-se a rezar aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, momento em que a Santa lhe apareceu e ensinou-lhe um método de oração. A vitória que se teve sobre os albigenses foi então atribuída à Maria com o seu rosário e ainda no mesmo ano de 1213 Simão de Monfort construiu uma capela na Igreja de Santiago de Muret dedicada à Virgem⁹.

A extensão do uso do rosário, como afirma Juliana Beatriz Almeida de Souza, coube também aos cruzados que tomara o costume dos muçulmanos, de usarem o colar no pescoço. Porém, considerando a Reforma Católica como uma ação propulsora para a devoção à Maria a autora destaca a obra do dominicano Alano de Rupe, que “despertou a crença nos poderes do rosário como meio de obter graças e proteção da Virgem Maria”, inspirando outras obras e missionários, “em especial os dominicanos”, por toda a Europa¹⁰. Outras conquistas contribuíram para sacralizar o rosário, três séculos depois da vitória sobre os albigenses o poder atribuído a essa devoção foi confirmado sobre os turcos, com a batalha de Lepanto, na Grécia, em 1571, onde vários escravos recobram a liberdade. Novamente sobre as tropas

⁹ ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz. “Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar” In *Estudos Afro Asiáticos*. 02. p.79.

¹⁰ ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz. Op. Cit., p 382.

turcas a vitória foi conquistada, em 1683, com a libertação de Viena e em 1716 perto de Neusatz, no Danúbio¹¹.

Associado a vitória e a liberdade o significado simbólico do rosário foi estruturado pelo papa Pio V, em 1569, em Quinze mistérios, cujos temas estão definidos pelo anúncio da encarnação, nascimento, adolescência, missão, vida pública, paixão, morte, ressurreição e ascensão da vida de Jesus. Cada uma das contas simboliza uma rosa, distribuídas em quinze dezenas que constituem uma coroa que é oferecida, consagrada e dedicada à Nossa Senhora, cujos fatos principais de sua vida também são contemplados¹².

A mentalidade religiosa do homem medieval relaciona-se diretamente com o drama da salvação e o perigo do inferno, o que propiciou a criação de meios para se alcançar o sagrado. Relacionando sentimentos e experiências pessoais ao seu momento histórico esses religiosos construíram um mundo de representações, discriminando objetos, tempos e espaços, edificando com o seu auxílio uma abóbada sagrada com que recobrem o seu mundo¹³.

A fase que se inaugurou a partir do século XIV, caracterizou-se pela racionalidade e pela produção de riqueza, abalando as antigas estruturas das crenças e as tradições, manipulando todo o universo simbólico construído às suas intenções. As descobertas de novas esferas culturais fizeram com que os expansionistas do século XV levassem a sua cultura a outros povos, utilizando-a como meio de facilitar e assegurar relações. O rosário foi um dos símbolos utilizados e Nossa Senhora a representação do catolicismo nessas regiões, porém o que não consideraram foi que a religião, assim como ainda é, foi “construída pelos símbolos que os homens usam. Mas os homens são diferentes. E seus mundos sagrados também”¹⁴.

2 Novas conquistas, novos devotos

A popularidade do culto à Nossa Senhora do Rosário decorreu, de acordo com a historiografia que se ocupa desse assunto, a partir da batalha de Lepanto, sendo “intensamente divulgada pelos dominicanos”, o que possibilitou “um

¹¹ QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Lá vem o meu parente*, p.79.

¹² AMARAL, Raul Joviano do. *Os pretos do Rosário de São Paulo: Subsídios Históricos*, p.18.

¹³ ALVES, Rubem, Op. Cit., p.24.

¹⁴ Idem, ibidem, p.14.

florescimento de Igrejas, conventos e irmandades de geral aceitação”¹⁵. Porém a difusão do rosário foi apontada por Fortunato de Almeida como tendo iniciado ainda no século XIV, quando os portugueses recebiam novas consagrações em toda a cristandade, como a festa da Visitação, tornada obrigatória em 1389 por determinação do papa Urbano VI. No século XV foi instituída a festa do Santo Rosário, elevada a categoria de festa pública somente no século XVI, para a comemoração da batalha de Lepanto, por Gregório XIII. Em sua origem esta festa era dos dominicanos e fora estendida às demais Igrejas pelo papa Clemente XI, que decretou o primeiro Domingo de outubro para a sua comemoração¹⁶.

As documentações mais antigas da devoção ao rosário que se tem conhecimento datam de 1478. Estes primeiros vestígios foram indicados por Alberto Pimentel, referindo-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos, fundada em Lisboa¹⁷. Na obra intitulada *História de São Domingos*, de autoria do frei Luís de Souza, consta a afirmação de que a partir da segunda metade do século XV essa devoção passou a ser divulgada, sendo fundado no convento de São Domingos de Lisboa uma confraria, o que possibilitou a extensão do culto por todo o reino¹⁸. Esta consideração pode ser relacionada com o estudo realizado por Julita Scarano, que através de uma vasta documentação encontrada, considera que “poucas irmandades como a do Santíssimo Sacramento das Almas, alcançaram maior popularidade. Das dedicadas à Maria, a devoção a Nossa Senhora do Rosário, foi a mais importante”¹⁹.

Uma questão torna-se pertinente nesse momento, indagar sobre os fatores que contribuíram para que o culto a Santa do Rosário fosse tornado público somente no século XV, já que essa devoção data do século XIII. A esse respeito podem ser considerados dois acontecimentos pertinentes ao período, o primeiro pode ser relacionado à expansão ultramarina promovida por D. João I, inaugurado com a expedição a Ceuta em 1415. O desbravamento de mundos desconhecidos e o estabelecimento de novas rotas comerciais, motivados pela cobiça do ouro, busca de escravos e pela propagação da fé cristã católica, possibilitaram a extensão do culto mariano, já que esta santa foi adotada como padroeira pelos expansionistas.

¹⁵ SCARANO, Julita. Op. Cit., p.39.

¹⁶ ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*, p. 343.

¹⁷ PIMENTEL, Alberto. *História do culto de Nossa Senhora*, p.46.

¹⁸ AMSB/RJ, SOUZA, Fr. Luis de. *História de São Domingos*, 1. III, cap. XXV, T. I, fl. 177vº.

¹⁹ SCARANO, Julita. Op. Cit., p. 40.

Outro fator importante foi à reação da Igreja Católica à reforma protestante. Juliana Beatriz Almeida de Souza afirma que

com o movimento reformista se espalhando pela Europa, a contestar as figuras santificadas pela Igreja Católica, salvo o Cristo, o culto a Maria ganhou novo reforço e novo papel, escolhida como arma contra-reformista. Assim, o seu culto foi se transformando em símbolo da identidade religiosa, de fidelidade à Igreja Católica na luta contra os protestantes²⁰.

Dessa forma o culto à Virgem Maria ganhou força no contexto dos séculos XV e XVI, através do uso dessa imagem como símbolo da discordância entre católicos e protestantes²¹.

As explorações portuguesas ocorridas na costa ocidental africana seguiam-se de tomadas de pontos estratégicos para o controle do comércio, além da proteção do interesse de outros territórios. Durante essas ocupações os povos das cercanias eram convertidos pelos portugueses ao cristianismo, sendo um meio de conseguirem manter as relações comerciais que conquistavam. O alvo principal para a conversão era a elite local, os reis negros, que uma vez aderindo ao cristianismo influenciariam os seus súditos a aceitarem a fé cristã²².

Com a expedição de Antonio Gonçalves, iniciada em 1441, teve o começo do tráfico negreiro para o reino português²³, passando a coordenar as relações entre Portugal e África. A privação da liberdade e a servidão imposta aos negros africanos fora justificada pelos papas através das bulas outorgadas aos reis ibéricos quanto ao domínio dos evangelhos e a adesão dos pagãos à Igreja.

Na bula *Dum diversa*, de 1442, o papa Nicolau V outorgara a Afonso V de Portugal (o "Africano"), o direito de "atacar na costa da África os infiéis, pagãos ou sarracenos, escravizar suas pessoas e apropriar-se de seus bens." Depois, em 1456, o papa Calixto V outorgara à Ordem de Cristo a Jurisdição eclesiástica sobre a Guiné, assegurando-lhes uma participação no tráfico negreiro²⁴.

Desde 1450 cerca de 800 escravos eram enviados anualmente a Portugal e até 1500 cerca de 150 mil foram comercializados pelos portugueses através do Atlântico²⁵. A partir de então a Igreja passou a cumprir o papel de integrar esses escravos em uma sociedade católica e branca, utilizando as irmandades como principal instrumento para introduzi-los ao catolicismo. A devoção a Nossa Senhora

²⁰ ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz, Op. Cit., p 381.

²¹ Idem, ibdem.

²² SOARES, Mariza de Carvalho. Op. Cit., pp. 42-52.

²³ HOLLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira – Do Descobrimento à expansão territorial*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 39 – T.1, V.1, p. 39.

²⁴ FREITAS, Décio. *Escravos e Senhores de escravos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, p. 16.

²⁵ SOARES, Mariza de Carvalho. Op. Cit., p. 46-50.

do Rosário foi então utilizada pelos dominicanos para inserir os negros nesse novo universo cultural. Um dos fatores que contribuíram para a maior adesão dos negros foi o rosário, que segundo José Ramos Tinhorão, remetia a idéia do “rosário de Ifa”, associando-o aos antigos *minkisi*, objetos mágicos da cultura africana que promovia cura aos necessitados, composto por pequenas peças irregulares que lembravam rosas, feitas de uma palmeira chamada Okpê-Lifá²⁶.

Esse contato religioso possibilitaria uma coesão cultural entre brancos e negros por estarem interligados através de uma crença comum, se não fosse a reivindicação dos negros por uma irmandade familiar a sua gente. A união das duas etnias evitaria a divisão das esmolas, condicionando os escravos à mesma subjugação que vivia fora do ambiente religioso. A fim de terem uma maior representatividade na sociedade e as suas necessidades serem mais atendidas, os negros começavam a reivindicar uma irmandade que fosse de sua gente, onde os objetivos e a situação sócio-econômica fossem pelo menos equivalentes. A cor da pele então passou a assinalar a separação dos grupos levando os primeiros devotos de Nossa Senhora do Rosário a abandonarem quase que completamente essa devoção, quanto se instituíram as primeiras associações negras.

Através da obra de Julita Scarano pode ser considerado que “a Irmandade do Rosário dos Pretos surgiu em Portugal de uma transformação gradativa, nascendo realmente das irmandades de brancos que já tinham a mesma invocação”²⁷. Segundo Marina de Mello e Souza o contato entre esses dois universos culturais originalmente distintos, acabou gerando um “campo de compreensão mútua”, o que permitiu uma outra leitura das escrituras, permitindo a criação de um “catolicismo africano”. Era então o encontro de duas religiões, onde alguns elementos do cristianismo eram aceitos e “combinados de forma dinâmica as diferentes cosmologias”²⁸.

Tanto a expansão marítima quanto a crescente popularidade do rosário entre os negros foi responsável pela chegada dessa devoção às colônias ibéricas. Adaptando-se às condições locais, tomou um caráter particular se relacionado aos padrões católicos da Europa. Se com o negro houve uma segunda leitura das

²⁶ TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal*, pp. 126-127.

²⁷ SCARANO, Julita, Op. Cit., p.40.

²⁸ SOUZA, Marina de Mello, Op. Cit., pp. 1477-155.

escrituras, no Novo Mundo pode-se considerar que ocorreu uma terceira forma de exercer a fé.

3 Brasil, um novo lugar para o culto do Rosário

O caráter do catolicismo brasileiro no período colonial pode ser apontado como leigo, social e familiar.

Leigo porque a direção das associações religiosas mais importantes, como as irmandades, estava nas mãos dos leigos. Social e familiar porque havia uma estreita interpenetração da religião com a vida social e familiar²⁹.

No Brasil o núcleo de convivência social eram as irmandades religiosas haviam se tornado uma forma de distração e diversão para a sociedade através das festas e procissões, havendo uma convicção religiosa mais superficial, diferente da que se vivia na Europa, por ter sido exaltada através de elementos predominantes nos ritos externos, como o colorido e a pompa das práticas que atendiam os sentimentos e os sentidos dos colonos³⁰. Ambas as necessidades podem ser compreendidas pela crença dos devotos que queriam agradar a Deus e mais ainda, aos santos de devoção, assim como a importância e o reconhecimento social daqueles que promoviam ou eram homenageados nas festas ou funerais.

Caracterizada como catolicismo barroco, pelo seu exagero e exuberância, tornou-se impossível conceber um cristianismo luso-brasileiro sem a intimidade entre o devoto e o santo. Outra característica atribuída a essa crença colonial foi a construção de uma religião profundamente influenciada por práticas pagãs, como

os bois entrando pelas igrejas para serem benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus; as mulheres estêreis indo esfregar-se de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do Amarante; (...) Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe³¹.

É nesse ambiente que a devoção à Nossa Senhora do Rosário chegou ao Brasil. Depois da desapropriação da primazia dominicana sobre esse culto na expansão para o além-mar, várias irmandades do Rosário foram fundadas pelos agostinhos, chegando nessas terras através dos jesuítas e possivelmente vinda também com os

²⁹ AZZI, Riolando. “Elementos para a história do catolicismo no Brasil”, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, Vol. 36, Faz. 141, p. 57.

³⁰ BOSCHI, Caio César. Op. Cit., p.58.

³¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*, p. 84.

confrades saídos de Portugal, tendo que considerar a obra dos missionários no Congo que preparou a aceitação de várias devoções que chegaram ao Brasil.

De acordo com Russell-Wood não há dúvida que irmandades de “homens pretos” surgiram no Brasil ainda no século XVI. Segundo Serafim Leite em 1586 os jesuítas fundaram várias confrarias do Rosário entre os escravos dos engenhos, “com o fim de promoverem a piedade e a instrução religiosa de índios e negros”³². Já no século XVII foi fundada a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em 1639, na Igreja de São Sebastião do Rio de Janeiro, tendo sido o início da construção da Igreja em 1708, processo que duraram 29 anos para ser concluído. Muitas irmandades dessa invocação foram fundadas nas igrejas do norte e nordeste brasileiro durante o século XVII, como as irmandades existentes no Recife (PE), Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1674) e em Belém (PA) na Igreja de Nossa Conceição da Praia.

Foi a partir do século XVIII que o catolicismo passou a ter como base as irmandades religiosas, atuando como “uma força auxiliar, complementar e substituta da Igreja”³³, assumindo várias responsabilidades religiosas, inclusive no que se refere ao culto dos seus oragos, templos ou capelas oferecidas a um santo. Não se pode esquecer o caráter prático e imediatista da religiosidade colonial e barroca

que buscava consolo e soluções para as questões do cotidiano, principalmente por meio da interferência dos santos, aos quais eram dirigidas promessas que seriam cumpridas mediante o alcance da graça pedida³⁴.

Outra razão que determina a superficialidade é a manifestação de uma “religiosidade epidérmica”³⁵. Na obra do Frei Agostinho de Santa Maria foi descrito que

é muito para reparar que querendo manifestar-nos a Mãe de Deus o quanto era formosa, o fez depois de se nomear preta. E acrescentou, que ainda era preta, era formosa. (...) Vejam os pretinhos agora o muito que devem a sua Senhora do Rosário (e também nossa) que para mostrar o muito que os ama, faz tanta estimação de ser preta³⁶.

Essa afirmação pode gerar certos equívocos, por ser utilizada em certos casos de uma forma generalizada, presente na obra de Caio César Boschi:

³² LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, Vol. II, pp. 340-341.

³³ BOSCHI, Caio César. Op. Cit., p.68.

³⁴ MELLO E SOUZA, Marina. Op. Cit., p. 184.

³⁵ BOSCHI, Caio César. Op. Cit., p.58.

³⁶ SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora*, Tomo X, tit. XXX.

Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santo Elesbão, Santa Efigênia eram invocações dos negros, não apenas pela afinidade epidérmica ou pela origem geográfica, mas também pela identidade com suas agruras. Os “santos” dos brancos, supunha-se não saberia compreender os dissabores e os sofrimentos dos negros³⁷.

No Brasil, diferente de Portugal, havia a preferência de manter a separação entre brancos e negros, a fim de serem preservadas as vantagens do elevado número de homens de cor. Porém não se pode concluir que a invocação do Rosário na colônia foi particular dos devotos negros, como Boschi, e muito menos considerar que a sua maioria, até o século XVIII era branca, como Quintão³⁸.

Do século XIX, momento em que o escravo almejava conseguir a alforria através da mentalidade abolicionista que se configurava, foi encontrada uma documentação que demonstra a instalação de uma Confraria do Rosário no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, porém esta devoção constituiu-se em sua maioria por devotos brancos, realizando algumas restrições quanto ao ingresso de homens negros na irmandade além de não ter havido personagens que remetesse ao título de autoridades reais. Caso particular da devoção na cidade, uma religiosidade que remetia as estruturas das primeiras associações religiosas erguidas na Europa, estando submetida às normas disciplinares e ao pensamento pragmático da Ordem beneditina brasileira.

THE WHITE ORIGIN OF THE BLACK DEVOTION OF THE ROSARY

Abstract:

This article consist of presenting the dialogue among some authors who invested their studies on the historical process of the diffusion of the to Nossa Senhora do Rosário, such as: Julita Scarano, Caio Cesar Boschi, Mariza de Carvalho Soares, Antonia aparecida Quintão and Juliana Beatriz Almeida de Souza. It's an analysis about the origins of the first lay religions associations , constituted in Europe during the century XIII, spreading among the slaves three centuries before their creation, leading their white devouts to abandon this cult completely. This devotion arrived in Brazil through Jesuits and possibly with some devouts left from Portugal structuring themselves as a black invocation, alive in the barroco catholicism.

Key words: Religions associations (Brotherhood of the Rosário); History of Brazil; Blacks; Religion.

³⁷ BOSCHI, Caio César. Op. Cit., p.25-26.

³⁸ A autora insere essa afirmação em seu trabalho sem que faça nenhuma referência que a constate. QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Lá vem o meu parente*, p. 77.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz. “Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar” In *Estudos Afro Asiáticos*. 02. Universidade Cândido Mendes, ano 23/ jul. dez./ 2001.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Imprensa Acadêmica COÍMBRA, Vol. 2.

AMARAL, Raul Joviano do, *Os pretos do Rosário de São Paulo: Subsídios Históricos*, São Paulo, Edições Alarico, 1953.

BOSCHI, Caio César, *Os Leigos e o Poder (Irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais)*, São Paulo, Editora Ática, 1986.

PIMENTEL, Alberto, *História do culto de Nossa Senhora*, Lisboa, Imprensa Acadêmica COÍMBRA, 1899.

QUINTÃO, Antonia Aparecida, *Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)*, São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

QUINTÃO, Antonia Aparecida, “As Irmandades Religiosas: estrutura e funcionamento” In *O significado das irmandades de pretos e pardos: O papel das mulheres*, Grupo de Trabalho 4. www.desafio.ufba.br/gt4-015.html.

SCARANO, Julita, *Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*, São Paulo: Ed. Nacional, 1978, 2ª ed..

TINHORÃO, José Ramos, *Os negros em Portugal*, Lisboa, Editorial Caminho S/A, 1988.